

Os cegos no judaísmo: desdém, castigo, culpa e conversão

Jacques Kwangala Mboma²³

Resumo

Este artigo analisa a fé cega como possibilidade do desenho em Jacques Derrida, explorando os conceitos de desdém, castigo, culpa e conversão como deslocamentos na leitura de *Memórias de Cegos* pela desconstrução. O episódio bíblico dos cegos no judaísmo mostra que a cegueira transita do invisível para o visível, da luz interior para a luz exterior; o cego não é apenas quem não vê, mas quem, pela luz da revelação, consegue tocar e enxergar. O desenho na arte bíblica aponta para uma fé por vir, contrapondo a tradição que associa cegueira ao castigo. Para Derrida, essa relação não envolve desdém, castigo ou culpa, mas indica um caminho para a conversão. A cegueira, no judaísmo, não é consequência do pecado, mas marca o deslocamento da desconstrução. Quem experimenta o cegamento não é passivo, mas capaz de desenhar. Assim, a cegueira bíblica ultrapassa a fé como simples expressão, tornando-se um espaço para discutir arte, ética e política. O invisível da fé origina a cura e a conversão do cego.

Palavras-chaves: Cegueira, fé, desenho, desconstrução, conversão.

Abstract

This article analyzes blind faith as a possibility for drawing in Jacques Derrida, exploring the concepts of disdain, punishment, guilt, and conversion as displacements in the reading of *Memoirs of the Blind* through deconstruction. The biblical episode of the blind in Judaism shows that blindness moves from the invisible to the visible, from inner light to outer light; the blind person is not merely the one who cannot see, but the one who, through the light of revelation, can touch and perceive. Drawing in biblical art points to a faith to come, countering the tradition that associates blindness with punishment. For Derrida, this relationship does not involve disdain, punishment, or guilt, but rather indicates a path toward conversion. Blindness, in Judaism, is not a consequence of sin, but marks the displacement of deconstruction. The one who experiences blindness is not passive, but capable of drawing. In this sense, biblical blindness goes beyond faith as mere expression, becoming a space to discuss art, ethics, and politics. The invisibility of faith gives rise to the healing and conversion of the blind.

Keywords: Blindness, faith, drawing, deconstruction, conversion.

Jacques Derrida estabelece várias relações com as sagradas escrituras, seja no Antigo ou no Novo Testamento. Os paradigmas da cegueira entendida como autorretrato do desenho investigam o campo da invisibilidade, do divino e da salvação pela fé. As narrativas bíblicas contadas por Derrida trazem as questões de desdém, o castigo, culpa e a conversão. Os quatro conceitos estão interligados na literatura bíblica judaico-cristã e trazem uma compreensão de que a origem da cegueira estaria ligada ao pecado, assim, se pensa que o cego permaneceria assujeitado ao desdém, ao castigo e à culpa. Derrida faz um deslocamento nesse texto, mostra que a cegueira é imprevisível, o cego é a marca da desconstrução que traz uma luz da fé sempre cega que inaugura a obra do desenho. Por um lado, se o cego é objeto do castigo, ele tem a probabilidade de ser salvo; por outro, castigo, culpa e conversão são figuras que, paradoxalmente, remetem o sujeito a se tornar o portador de luz divina. “Cada vez que o castigo

²³ Possui Graduação em Filosofia pela Université de Saint Augustin de Kinshasa (R.D. Congo), Teologia pelo Claretiano (2007), licenciatura em Filosofia pelo UNINTER (2018), mestrado pela UFRRJ (2009) e doutorado em Filosofia pela UERJ (2024). E-mail: jackestudente1@gmail.com

divino se abate sobre a visão para significar o mistério de uma eleição, o cego torna-se uma testemunha da fé”. (DERRIDA, 2010, p. 113)²⁴.

No relato do cego de nascença, Jesus prova o contrário do que pensavam os judeus de que a cegueira estaria associada ao castigo e ao pecado.

E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: “– Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nasceste cego?”. Jesus respondeu: “– Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus”. (João 9: 1-3)²⁵

O Cristo cura o cego pelo toque. A cura do cego é feita pela figura do toque e das mãos. No Evangelho de Lucas, o cego se levanta e toca o cajado de Cristo, o Cristo não chega a tocar nele, o cego chega ao Cristo, cai no chão e segurando as suas mãos, suplica: “– Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim!” (Marcos 10: 46-52).

E os que iam passando repreendiam-no para que se calasse, mas ele clamava ainda mais: “– Filho de Davi, tem misericórdia de mim!”. Então, Jesus parando, mandou que lho trouxessem e, chegando ele, perguntou-lhe, dizendo: “– Que queres que te faça?”. E ele disse: “– Senhor, que eu veja”. E Jesus lhe disse: “– Vê; a tua fé te salvou” (Lucas 18: 39-42). “Se a cegueira fosse o castigo, o cego não se tornaria testemunha de Cristo” (João 9, 8-34).

Depois da cura, Jesus daria a ordem ao cego de ir lavar os olhos na piscina de “Siloé” - palavra que significa enviado ou testemunho. Conforme Derrida, “Cada vez que um castigo divino se abate sobre a vista para significar o mistério de uma eleição, o cego torna-se a testemunha da fé” (DERRIDA, 2010, p. 115). No decurso da história, o cego se torna um adorador feliz (João 9, 35-41). Para Derrida, a história de Sansão tem esse significado, há um olhar equivocado, mas nessa história existe uma grande luz, do castigo para conversão, da crueldade para libertação. Sansão matou muita gente porque imaginava-se que ele seria o único rei que estabeleceria o reino de paz de Israel. Ele foi eleito para salvar seu povo Israel, mas tinha que “salvar o seu povo sacrificando os filisteus, depois de ter ainda podido bramar [*bander*] a sua energia” (DERRIDA, 2010, p. 112). A força de Sansão era muito grande, porém ele acabou sendo derrotado pelos filisteus, que lhe furaram os olhos e o tornaram seu prisioneiro.

Derrida introduz o tema dos filisteus furarem os olhos de Sansão, o que não deve ser compreendido sob a perspectiva de castigo ou de privação total da visão, mas como a mão de

²⁴ DERRIDA, Jacques. Memórias de Cego: O autorretrato e outras ruínas. Tradução de Fernanda Bernardo. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2010.

²⁵ BÍBLIA SAGRADA. Cf. João 9: 1-3. João 9, 8-34- Marcos 10: 46-52.

Deus que provou o contrário: Sansão restabeleceria sua força, pois, após ter recuperado seus cabelos, Deus lhe devolve toda a força. Para o Antigo Testamento curar-se da cegueira é uma bênção divina. Para Derrida, a bênção divina é o olho exterior que se vê a partir do interior.

Para Derrida, o desenho sempre nos deixa uma marca, às vezes, indelével, algo inconsciente ou um traço que pode ser chamado à circuncisão²⁶. Porém, o Apóstolo Paulo defendia o porte da luz divina, ou seja, a única condição que pode dar acesso ao convertido de se tornar cristão era o batismo e não a circuncisão, como defendia o Apóstolo Tiago e os demais membros do “Concílio de Jerusalém”²⁷. A posição de Paulo agradou à maioria e sua experiência é símbolo da memória do cego quando esse se encontrou com Jesus à beira do caminho de Damasco e tornou-se pela luz divina. As lembranças de Paulo e a sua própria experiência vão reproduzindo as questões de espectralidade. Assim, como diz Paulo: “– Ora, se morremos com Cristo, cremos que também com Ele viveremos” (Rm. 6: 8). Vivo e morto são fantasmas e espectros que nos seguem, essas ideias construídas em nossa mente vão nos acompanhar ao longo de toda a nossa vida como as ruínas de uma casa destruída, que não é mais casa, mas que estão ali e não desapareceram.

Derrida, ao falar de Santo Agostinho, faz um elogio, porém de forma irônica. Pensa que Agostinho não era tão Santo como se acredita, no entanto, reconhece a sua grandeza sobre o domínio das confissões (as confissões de Santo Agostinho trazem o elogio à luz). Derrida, assim, apresenta a luz em sua essência: “Eis a verdadeira Luz! Aquela que, de todos os que a veem e amam, faz um todo único (*ipsa est lux, uma est et unum omnes, qui vident et amant eam*)” (DERRIDA, 2010, p. 122). Essa luz não é da claridade do sol, mas do interior. Segundo Derrida, a luz apresentada nas confissões de Agostinho é a luz de ver a si mesmo, é uma forma de autorretrato. As confissões de Agostinho ajudam os nossos olhos a resistirem e superarem as tentações. As confissões são trabalho de conversão à qual ele mesmo foi sujeito convertido pelo auxílio da sua mãe Mônica. Mas as confissões são modelos de vida do sacrifício, de mudar a vida na dor; o olho chora seja pelo trauma, tristeza ou pela alegria de uma vida nova. Neste contexto, a cegueira é a desconstrução de deslocar o preconceito religioso que estava na base de causar as injustiças, opressão e a alienação dos oprimidos para a libertação. O

²⁶ Todo o recém-nascido judeu era obrigado a fazer o pacto da aliança através a circuncisão. Porém, Para Derrida, a circuncisão seria uma aliança dessimétrica e heteronômica na qual os recém-nascidos se inserem na comunidade sem seu consenso. O Concílio de Jerusalém traria uma discussão acerca desse tema, de que um dos critérios para se tornar cristão, era que todos os convertidos optassem por serem circuncidados.

²⁷ O Concílio de Jerusalém, por volta de 50 d.C., foi convocado para resolver se os gentios convertidos ao cristianismo deveriam seguir a Lei de Moisés. A decisão estabeleceu que a salvação vem pela fé em Jesus Cristo, e não pela Lei judaica. Participaram líderes como Tiago, Pedro, Paulo e Barnabé, com destaque para a iniciativa da comunidade de Antioquia.

gesto de Jesus de segurar nas mãos do cego que caiu aos seus pés para pedir o socorro da cura é um traço, descaminho.

O cego como sujeito do *desdém* é aquele que se engana e torna-se enganado. O enganado é o outro da alteridade, na relação da diferença explora e abusa dele de forma dissimulada. “Ele se engana, quer se engane a si mesmo, quase voluntariamente, quer seja enganado, se deixe enganar pelo desfalecimento da sua vontade, quer, por às apalpadelas, tentar enganar a sua própria cegueira (*Cécité*)” (Ibid., 2010, p. 98-99).

A cegueira bíblica não se limita apenas pela expressão da fé, mas demonstra que a nossa cegueira é, sem dúvida, um espaço de discutir as questões de artes e políticas. A leitura bíblica nos remete a entender que a cegueira é a condição possível do desenho da imagem bíblica que nos foi revelada pela inspiração divina e passa pelo invisível para o visível, do tocar para o ver. O cego que não pode ver traz por si mesmo as expressões que marcam o deslocamento da desconstrução. Derrida parte de uma leitura da desconstrução baseada na tradição judaica, cristã e filosófica para estudar a arte e estética. O referido autor traz o cego não como um ser passivo, para ele o cego é a imagem do retrato de si mesmo que se torna capaz de desenhar.

Na alegoria da caverna de Platão, encontra-se a famosa expressão “não saber sob o pretexto da escuridão” (GREUZE, 1990, p. 21)²⁸. Nessa alegoria se percebe que os prisioneiros cegos representam a ignorância das ideias encarnadas pela luz do sol projetada nas paredes da caverna. Nos evangelhos, os cegos estão associados a essa alegoria de Platão. Os cegos curados são análogos aos cristãos presos na caverna e que tentam se libertar do mundo das sombras. Os cegos cristãos só se poderiam libertar se tivessem encontrado a verdadeira luz de Cristo, e se fizessem o processo de conversão. Por esse motivo, a cegueira operada pela conversão, expulsa as sombras da ignorância dos cristãos para a luz de Deus. Conforme Creuze:

Saulo, que também é Paulo, o encara nos olhos. Também, o vemos apontando o dedo na mesma direção, à esquerda do desenho de Giulio Clovio, e as mãos de todos os personagens se estendem: uma na direção da outra, mas também em direção ao centro de uma presença invisível que dirige todos os corpos (Ibid., 1990, p. 106).

Nos Atos dos Apóstolos, Elymas²⁹ se põe ao proselitismo cristão de São Paulo e São Barnabé é considerado como cego mágico que ascendeu à chama divina.

²⁸ GREUZE, Jean-Batiste. *L’aveugle trompé*. Moscou, musée Pouchkine. Reproduite à la page 98 des *Mémoires d’aveugle*. Paris: Editions de la Reunion des musees nationaux, 1990.

²⁹ Elymas, também conhecido como Barjesus, é um personagem mencionado em Atos dos Apóstolos 13,6-12. Apresentado como um mago ou falso profeta judeu, ele procura impedir que o procônsul Sérgio Paulo acolha a mensagem cristã proclamada por Paulo e Barnabé.

CONVERSÃO DE SÃO PAULO

O verdadeiro sentido da conversão é a conversão interior. Não basta só testemunhar, às vezes, o testemunho pelas simples palavras encontra-se limitado pela incoerência de dizer e viver, da teoria para prática. Para Derrida (2010), a cegueira seria, portanto, a condição de enxergar a luz interior, isto é a conversão de dentro para a conversão de fora inaugura o tempo por vir. O cego se torna uma luz divina para libertação dos judeus. Assim, a luz divina recebida pelo cego torna-se um símbolo da visibilidade inteligível que não olha apenas de fora para o dentro, mas de dentro para fora.

Paulo de Tarso era judeu, deixou de perseguir os cristãos, se converteu ao cristianismo e tornou-se Apóstolo de Jesus. Paulo ao se tornar cego, encarna a figura de Deus como cego vidente. Ele toma um lugar de absoluto não contaminado pela autoridade. Nesse caso, Paulo pode ser curado ou se sacrificar, uma vez que responde positivamente ao chamado do anjo. Sua cegueira se transforma em uma vitória de Cristo, que é a luz para os gentios, do mesmo modo que a mão de Tobias foi guiada pelo anjo Rafael, da visão do invisível à cura da cegueira.



Guilherme Antunes³⁰, “A conversão de São Paulo, Caravaggio”. Fonte: Jornal Tornado.

A experiência de Paulo não é isolada nas Escrituras no uso da cegueira como símbolo de transformação espiritual. Um exemplo importante aparece no livro de Tobit, cuja história também mostra como a cegueira pode representar um momento de fé, revelação e cura. Tobit era o pai de Tobias homem justo e íntegro, respeitava o direito e a Lei do Senhor, enfrentava seus inimigos assírios e não tinha medo da morte contra seus opressores, enterrava os mortos da sua comunidade e cumpria a ordem divina, apesar da proibição do tirano. Aconteceu que Tobit passou a noite inteira dormindo, então, um pássaro estrangulou seu rosto e Tobit perdeu a visão, o que o levou a ter um comportamento desesperado quando foi acusado injustamente

³⁰ Guilherme Antunes é o autor do artigo “*Conversão de S. Paulo, Caravaggio*”, no qual analisa a pintura homônima de Caravaggio, destacando sua relevância revolucionária na arte sacra e os traços marcantes do tenebrismo que caracterizam a obra.

por sua própria mulher, que disse que ele teria ficar cego por causa de roubo do cabrito. Tobit se frustra, se decepciona e pede a morte a Deus. A cena nos revela que Tobias vai curar o pai com ajuda do anjo Rafael que o seguiu com seu bastão. Quem cura o pai não é Tobias, mas é aquele que traz a palavra, “O que lhe devolve a vista, não é, na verdade, o seu filho, finalmente, visível. Por detrás do filho há o anjo, um vem anunciar o outro” (DERRIDA, 2010, p. 36). A cegueira de Tobit e seu filho Tobias descrevem a obra do desenho bíblico no que pode ver, observar e tocar.

Como é sabido, o filho Tobias devolve-lhe a vista, derramando sobre os olhos do pai fel de peixe, seguindo, assim, os conselhos do anjo Rafael: “– Sei, com certeza, que os seus olhos se abrirão de novo. Unge-lhos com o fel do peixe: ao sentir ardor, esfregá-los-á, as cataratas desprender-se-ão e ele verá” (Ibid., 2010, p. 33).

Essa cena bíblica nos remete, inevitavelmente, a dizer que o desenho é um retrato de um Deus invisível que deixa o traço, uma figura ou, ainda, uma imagem espectral. Mas, podemos, também, estabelecer outros tipos de leitura de Freud, Benjamim com textos bíblicos (Tobit, Isaac, Jacob) e da apologia mitológica como a de Tirésias, Persée e Dibutade. Isaac é uma figura representativa pela preservação da memória do povo de Israel, seu tempo inaugura a desconstrução ao romper a lógica patriarcal da Lei judaica em que o filho mais velho Esaú deveria se beneficiar do trono, mas a bênção passou para Jacob.

A violência antecipou o designo de Deus pelo gosto das preferências de Rebeca. “A sua manha antecipa, responde antecipadamente ao desígnio de Javé que lho tinha anunciado: Duas nações estão no teu seio: dois povos sairão das tuas entranhas. Um prevalecerá sobre o outro, e o mais velho servirá ao mais novo” (DERRIDA, 2010, p. 102). Isaac, cego e enganado pela esposa, transfere a bênção a Jacó. A voz, o toque e a pele peluda de Esaú indicam que a cegueira de Isaac é irreversível.

A cena emblemática em que Isaac, cego e iludido, confere a bênção a Jacó abre espaço para uma reflexão mais densa sobre as relações entre voz, identidade e inconsciente. A voz é a expressão do sistema inconsciente da fala que habita em nós. Esse inconsciente leva Isaac a reconhecer o verdadeiro filho (Esaú), que deveria ter direito ao trono de Israel. Portanto, ao abençoar o filho, Isaac diz: “– Jacob aproximou-se de Isaac, seu pai, que o tocou e disse. ‘– A voz é a voz de Jacob, mas as mãos são as de Esaú?’” (DERRIDA, 2010, p. 102). A análise desse texto bíblico é determinante de toda a concepção da desconstrução. A escritura reside nesta disputa dos privilégios entre os filhos e sua mãe. A escritura aqui é entendida como nova forma de pensar as relações humanas. Isaac é o pai da promessa de Israel que anuncia uma nova lei judaica incalculável e sem medida para proteger Jacob do ressentimento de seu irmão Esaú.

Para Derrida (2010), a escritura precede a voz. Toda a escritura passa pela voz e pelas mãos, mas também pelo ato de desenhar. O cego é aquele cujos olhos não conseguem desenhar, mas a sua fidelidade quanto à memória da promessa de Israel cumpre seu autorretrato na permanência do filho mais novo ao filho mais velho como recomenda a Lei judaica. A indecidibilidade de Isaac a não cumprir a Lei judaica teria sido causada pelo traumatismo que teve na infância como objeto do sacrifício.

A cegueira de Isaac é autorretrato das lágrimas dos anjos derramadas pela prova do sacrifício. O Deus de Isaac é um Deus que cria assimetria entre Esaú e Jacó, ao invés de dar a bênção a quem vai assumir o trono de Israel, Esaú. Mas “Rebeca faz crer a Isaac o velho cego, que ele estende a mão da bênção a Esaú, o seu filho mais velho, que ele substituiu por Jacob” (Ibid., 2010, p. 99). Isaac é enganado por sua mulher que teve preferência pelo filho mais novo para herdar a herança. Na ausência do Esaú que cumpria a exigência do pai para caçar cabritos no mato e trazer ao pai a fim de receber a bênção, Rebeca aproveita o momento da ausência do filho mais velho para enganar a cegueira do marido. Troca o direito do filho mais velho pelo mais novo e esse recebe a herança. Porém, os dois filhos descobrem que não era na cegueira do pai que estava a origem da intriga entre os irmãos, mas sim que a mãe usou da cegueira do marido para enganar o filho mais velho e realizar o sonho do filho mais novo. Os dois filhos se reconciliam e se perdoam mutuamente.

Para Derrida (2010) o perdão é uma experiência do impossível. Perdoar o *imperdoável* é uma tarefa da desconstrução. A pergunta que podemos levantar nessa analogia é: qual é a imagem de Deus que aparece neste texto? Será que é um Deus medido ou calculado pelo interesse em possuir o direito da herança? A imagem de Deus nesse caso está no campo da desconstrução quanto à ideia de Isaac, porém a lógica da condicionalidade prova a evidência da materialidade de Rebeca sujeita à contradição à ética da alteridade.

No quadro de *Caravaggio*, Derrida descreve sua conversão como ato de fé. Paulo parte da experiência da fé temporal como requisito da luz que o tornou cego e que, por sua vez, o fez tornar-se testemunha da cegueira que abriu os olhos dos pagãos. A luz desempenha um papel muito importante na tradição judaica. Ela representa o ato da criação, da diversidade e da libertação. Segundo Derrida (2010), a luz é a palavra interior que se manifesta pela pragmática da conversão a fim de testemunhar pelas palavras. A questão da luz que torna Paulo cego é explicitamente pensada na obra “Memórias de Cego” de maneira simbólica pela linguagem.

Enceguecimento de girassol, conversão que torce a luz e a faz girar sobre si mesma até à vertigem, desvanecimento do emaravilhamento que se vê passar da claridade a mais claridade, talvez a demasiado sol. Esta clarividência do demasiado evidente é a

loucura de Paulo. E acusam disso os livros, ou dito de outro modo, a visibilidade da palavra invisível. “Estás louco, Paulo! Os livros tornam-te louco! Grita-lhe Festus”. A confissão de Paulo, o autorretrato desta luz louca, apostemos em como ela terá representado o modelo do autorretrato, daquele que aqui nos ocupa na sua própria ruína. (Ibid., 2010, p. 121).

Segundo Derrida, a conversão é um pensamento de desconstrução, porque ela oferece àquele que é convertido a possibilidade de fazer um deslocamento da sua identificação como sujeito convertido; seu autorretrato se torna uma múltipla identidade nas relações com a alteridade, trazendo não somente as ruínas ou a luz do exterior, mas os traços, enquanto sujeito da revelação, com a *differença*³¹. Não existe conversão sem fé. A fé é uma experiência do impossível; ela oferece algo que nenhum ser humano pode provar. Esse ato crente, como gesto que precede a conversão é sempre invisível, incalculável e incondicional. Este vínculo entre a fé e conversão traz esperança naquilo que não se espera. A desconstrução inaugura esse tipo de pensamento, esperar é uma promessa, uma promessa sempre vai ser por vir. Para Derrida, “a fidelidade da fé importa mais a representação que ela ordena e, portanto, precede o movimento. E a fé, em seu próprio tempo, é cega” (Ibid., 2010, p. 37). Com efeito, Derrida diz: “ora, como indica o seu nome, o apocalipse não é senão revelação ou desnudamento, desvelamento que torna visível, verdade da verdade: a luz que a si mesma se mostra. Isto é um apocalipse da pintura – como pintura cristã” (DERRIDA, 2010, p. 125).

As memórias de cego na lógica dos textos bíblicos são apresentadas de maneira apocalíptica que permeia a motivação de todo trabalho da desconstrução no interior da do desenho. As verdades da fé e da revelação são aporias que Derrida anuncia a indecidibilidade na questão da eleição entre os irmãos Esaú e Jacob com o pai Isaac. Derrida questiona a Lei judaica que deveria conceder o direito da herança ao filho mais velho. As memórias de cego nos trazem uma releitura da desconstrução. Conforme o pensamento de Derrida, a memória é o desvio, uma ideia de inverso, um deslocamento e contraria na hierarquização e na superação do pensamento binário. O invisível se torna uma marca importante na convivência da fé. Percebemos que, ao contrário de outras tradições judaicas, os gregos valorizavam o visível como uma categoria privilegiada do saber. Para eles, o verdadeiro conhecimento estava ligado ao que podia ser visto, como no desenho, que expressava proporções, ordem e racionalidade da realidade.

³¹ O conceito de *differance* é uma invenção de Derrida por se diferenciar da sua raiz em francês *différence*. A palavra com “a” inventada por Derrida é a marca da desconstrução que inaugura a escritura e linguagem. A *differance* por sua vez rompe a lógica do logocentrismo na filosofia ocidental para construir uma filosofia da alteridade. Sem dúvida, sua leitura é nada mais que uma indecidibilidade.

A essa leitura desconstrutiva de Derrida, podemos colocar em diálogo a perspectiva de Jacques Rancière, que, ao tratar da partilha do sensível, sugere que a arte não se define, necessariamente, por aquilo que a torna visível. Rancière (2012)³², a arte não se define, necessariamente, naquilo que a torna tão visível. A representatividade da arte revela certa invisibilidade que pode produzir o visível pelos seus espectadores. A imagem tão clara não, necessariamente, produz a arte. Uma representação da arte oculta pode servir como dispositivo para produzir o visível. Conforme Rancière:

A representação encontra, no teatro, seu lugar privilegiado, o espaço de manifestação inteiramente dedicado à presença, porém, obrigado por esta própria presença a uma dupla contenção: a contenção do visível pelo dizível e a contenção das significações e dos afetos pelo poder da ação - Uma ação cuja realidade é idêntica à sua irrealidade. (RANCIÈRE, 2012, p. 127).

Nesse sentido, seja a imagem ou a arte, ultrapassa a representação. Segundo Derrida, o invisível marca a condição da fé cega. Todo o desenho é cego. A fé está ligada a um Deus que tem como natureza aquilo que não se vê e não se tem como provar. A face de um Deus é invisível, assim como na cultura grega, a fé nos deuses gregos se apresenta como metamorfose, suas representações aparecem em várias formas da natureza. Enquanto, o Deus na cultura judaica sempre se revela na invisibilidade da memória de cego. Javé não tem corpo e não tem matéria.

A cegueira na cultura judaica é a questão principal para pensar uma fé por vir, da importância do desenho e da arte na sociedade de controle. Para Derrida, o ponto cego é o principal começo da obra do desenho. Tudo começa pelo ponto cego. A fé como ato do divino inaugura o ponto cego, que é nada mais que o tempo da conversão, do desdém, da culpa e do castigo. Para este autor, o ponto cego que começa com a revelação divina não significa que o cego é aquele que não pode ver nada, ou alguém que é privado da graça de Deus, mas, sim, o cego convertido é aquele que pode, mas não vê. “As memórias de cego” é o autorretrato de Derrida. Todo desenho pode enxergar a cegueira do próprio autorretrato, reconstruir o que é exatamente do seu próprio retrato é impossível.

O desenho é cego, porque o desenhista precisa verificar o resultado naquilo que ele mesmo pode enxergar, ou do que o próprio desenho que ele desenhou que pode lhe comunicar alguma mensagem. O desenhista é visto como rastro porque não tem certeza absoluta ou certa naquilo que ele desenha. Por sua vez, o traço sempre se move e se desloca. Esse traço na obra

³² RANCIÈRE. Jacques. La méthode de l'égalité, entretien avec Laurent Jean Pierre et Dork Zabunyan. Paris: Editora Bayard, 2012.

do desenho é uma aporia que implica a imprevisibilidade do desenhista. O traço questiona essa possibilidade real do autorretrato do desenho, algo que pode ser questionado ou criticado.

Na cultura judaica, a cegueira não é apenas uma limitação física, mas um tema simbólico central que nos permite refletir sobre a desconstrução como algo que ainda está por vir. Ela nos convida a repensar o papel da arte em uma sociedade que, cada vez mais, tende a desvalorizá-la e a negligenciar sua força reveladora e crítica. A arte é vida, uma vida que traz novidades, mas ao tempo, desestabiliza as estruturas injustas da nossa sociedade. Para Derrida, tudo começa a partir do ponto cego que está dentro e fora do olho. É um olho transformador e não destruidor. É um olho que desempenha o papel de converter as lágrimas em súplica, no pedido de oração para implorar a cura. Conforme Derrida: “Um desenho cristão deveria ser um hino, um louvor, uma prece, um olho que implora, um olho com as mãos juntas” (DERRIDA, 2010, p. 125).

Por esse motivo, todo desenho pode enxergar a cegueira do próprio autorretrato, mas para construir exatamente aquilo que é o autorretrato torna-se impossível. Neste sentido, o desenho implica uma fé que transcende sempre por vir. As figuras bíblicas na cultura judaica trazem a pluralidade, ao mesmo tempo, que valorizam as singularidades nas questões de pintura, estética e arte na bíblia.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, [s.d.]. Cf. João 9:1-3; João 9:8-34; Marcos 10:46-52, Lucas 18: 39-42. Lucas 18: 39-42 - Carta de São Paulo aos Romanos m. 6: 8.

DERRIDA, Jacques. *Memórias de Cego: O autorretrato e outras ruínas*. Tradução de Fernanda Bernardo. Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

GREUZE, Jean-Batiste. *L’aveugle trompé*. Moscou, musée Pouchkine . Reproduite à la page 98 des Mémoires d’aveugle. Paris: Editions de la Reunion des musees nationaux, 1990.

ANTUNES, Guilherme. *Conversão de S. Paulo, Caravaggio*. Jornal Tornado, independente, 14 abr. 2019. Disponível em: Jornal Tornado. Acesso em: 15 jan. 2021.

JORNAL TORNADO. Disponível em: <https://www.jornaltornado.pt/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

RANCIÈRE. Jacques. *La méthode de l’égalité, entretien avec Laurent Jean Pierre et Dork Zabunyan*. Paris: Editora Bayard, 2012.